Permanências e inovações no editorial jornalístico em duas línguas: percursos do impresso ao digital

Permanences and innovations in the journalistic editorial in two languages: paths from print to digital

Aurea Zavamiⁱ (UFC- PPGL- PROFLETRAS/UFC)

Valéria Severina Gomesⁱⁱ (UFRPE-PROGEL)

Resumo: Nesta comunicação, buscamos contribuir, por um lado, com discussões acerca das tradições discursivas (COSERIU, 1981, 2007; KOCH, 1997; KABATEK, 2006, 2015) em sincronia presente, colocando em pauta a comunicação eletrônica ou a comunicação mediada por computador, isto é, ações de linguagem realizadas em ambiente digital, e, por outro, com sugestões de ensino, baseadas na perspectiva do Interacionismo Sociodiscursivo (BRONCKART, 1999), que contemplem a historicidade da língua e do gênero. Desta vez, com ênfase no contexto contemporâneo, partimos da seguinte questão norteadora: como a tensão entre permanência e inovação reelabora o uso da língua/linguagem no ambiente digital? Tomamos, então, como *corpus* de investigação para este trabalho 02 (dois) jornais, um de língua portuguesa e outro de língua espanhola dos séculos XX e XXI, em versão impressa e em versão digital. Para além de levantar aspectos relacionados às já citadas inovações e permanências, nosso estudo se volta também para questões atinentes ao ensino desse gênero, considerando as orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento de referência que estabelece as habilidades e competências fundamentais para cada etapa da educação básica. Segundo a BNCC (2018, p. 68), refletir sobre as transformações ocorridas nos campos de atividades em função do desenvolvimento das tecnologias de comunicação e informação possibilita olhar novos gêneros e novas práticas de linguagem próprias da cultura digital, reconhecendo-lhes o processo de reelaboração em decorrência das transformações pelas quais passam o texto, as formas de interação e de compartilhamento de textos/conteúdos/informações.

Palavras-chave: Tradições Discursivas; historicidade dos gêneros; editorial de jornal; ensino de língua portuguesa

Abstract: In this paper, we seek to contribute, on the one hand, with discussions about discursive traditions (COSERIU, 1981, 2007; KOCH, 1997; KABATEK, 2006, 2015) in present synchrony, putting electronic communication or communication mediated by computer, that is, language actions performed in a digital environment, and, on the other hand, with teaching suggestion, based on the perspective of Sociodiscursive Interactionism (BRONCKART, 1999), which address the historicity of language and genre. This time, with an emphasis on the contemporary context, we start with the following guiding question: how does the tension between permanence and innovation re-elaborate the use of language in the digital environment? Thus, 2 (two) newspapers, one in Portuguese and the other in Spanish, from the 20th to the 21st centuries, in print and digital versions, have been selected as a *corpus* for this investigation. In addition to raising aspects related to the aforementioned innovations and permanency, our study also focusses on issues pertaining to the teaching of this genre, considering the guidelines of *Base Nacional Comum Curricular* (BNCC) – Common National Curriculum Base, a reference document in Portuguese that establishes the fundamental skills and competences for each stage of basic education in Brazil. According to BNCC (2017, p. 68), reflecting on the transformations that have taken place in the fields of activities due to the development of communication and information technologies makes it possible to look at new genres and new language practices typical of digital culture, recognizing the process of re-elaboration as a result of the transformations the text undergoes, the forms of interaction and sharing of texts/content/information.

Keywords: Discursive Traditions; historicity of genres; newspaper editorial; Portuguese language teaching

1. Começando a nossa conversa

O novo perfil do professor é aquele do pesquisador, que, com seus alunos (e não "para" eles), produz conhecimento, o descobre e o redescobre sempre.
(ANTUNES, 2003, p. 36)

Do mesmo modo que a historicidade dos textos e dos modos de dizer correspondente às sociedades pretéritas é relevante, o entendimento dessa continuidade histórica na contemporaneidade também é fundamental para estudos atuais, sobretudo se considerarmos, ancoradas em Bakhtin (2003), que um texto (ou gênero) é sempre um elo na cadeia de comunicação, é sempre o novo e o velho ao mesmo tempo. Olhar para a história de um texto ou gênero é buscar compreender melhor a sua manifestação no presente.

Quando compreendemos melhor um gênero de um determinado campo de atuação, mais seguros ficamos sobre seu uso e consequentemente sobre as possibilidades e os limites de reelaboração de que podemos lançar mão diante de situações comunicativas que favoreçam a manifestação do dizer por meio daquele enquadre discursivo. Saber mais sobre um gênero é, em última instância, assegurar empoderamento discursivo. Empoderados, podemos mais: compreendemos as relações de poder que subjazem a toda e qualquer produção de texto, manipulamos os recursos da língua em prol do nosso projeto de dizer, assumimos uma atitude responsiva diante do que enunciamos, conjugamos nossos saberes em favor da adesão do que defendemos, enfim agimos nas e nos transformamos pelas interações sociais. Tornamo-nos, assim, seres conscientes do poder da palavra.

Com o objetivo, então, de refletir sobre possíveis contribuições que a historicidade da língua e dos gêneros, ou uma abordagem sócio-histórica, pode emprestar ao ensino da língua, mediado pelos gêneros, trazemos para este artigo, em primeiro lugar, uma visita, ainda que breve, ao paradigma das tradições discursivas, para explorarmos o percurso sócio-histórico dos gêneros, e ao interacionismo sociodiscursivo, para respaldarmos a proposta de ensino. Em seguida, apresentamos uma análise muito concisa de editoriais, um em língua portuguesa, outro em língua espanhola a fim de atestar as flagrantes mudanças e regularidades no gênero. Dando continuidade, nos reportamos à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), para ancorarmos nossas sugestões aos direcionamentos dados às competências e habilidades que devem ser desenvolvidas por nossos alunos. Por fim, chegamos às conclusões que podemos tirar do estudo empreendido e aos caminhos que poderão ser trilhados a partir do que foi apresentado.

2. Puxando o fio dos aportes teóricos

O Modelo de Tradição Discursiva (TD) emerge da Filologia Românica alemã. A abordagem que fazemos acerca desse modelo parte dos estudos desenvolvidos por Eugenio Coseriu, que apresentou uma nova concepção de linguagem, dividindo-a em três níveis: o primeiro nível, o universal, está relacionado ao falar como uma atividade humana em geral; o segundo nível, o histórico, diz respeito à língua como uma prática histórica que envolve a estrutura gramatical, o léxico e o seu funcionamento; o terceiro nível, o individual, refere-se ao texto (ou discurso) como uma forma concreta e única, um ato linguístico (COSERIU, 1981;

2007). A partir dessa concepção, Peter Koch (1997) propôs uma bipartição do nível histórico, cabendo a uma parte à língua histórica e a outra às tradições discursivas.

Tratando-se de historicidades diferentes, o nível da historicidade discursiva seria, por exemplo, o da história dos gêneros textuais, dos atos de fala, os gêneros literários e retóricos e os estilos. Nesse sentido, falar “seria uma atividade universal que se realizaria através de um duplo filtro tradicional: a intenção do ato comunicativo teria que passar em cada momento pela ordem linguística que encadeia os signos de uma língua segundo suas regras sintáticas e pela ordem textual que atualiza certas tradições discursivas” (KABATEK, 2001, p. 99).

A noção de TD está embasada nas permanências e mudanças que são compartilhadas pelos textos, ao longo do tempo, em diferentes dimensões. Esse processo envolve a historicidade do gênero, da língua e das múltiplas dimensões constitutivas de um gênero, integrando práticas sócio-históricas (GOMES; ANDRADE, 2018). De acordo o princípio coseriano de tradição e novidade, a inovação reconhece a tradição e adiciona algo a ela, somente da tradição pode aparecer algo como novo (KABATEK, 2015). Assim, podemos perceber nos editoriais brasileiros e espanhóis a relação entre tradição e novidade, sobretudo nos exemplos de sincronia presente oriundos da comunicação eletrônica ou comunicação mediada por computador.

Estabelecemos a ponte com o modelo do Interacionismo Sociodiscursivo (BRONCKART, 1999; SCHNEUWLY; DOLZ, 2004), no intuito de apresentar sugestões de didatização que contemplem a historicidade da língua e do gênero. Partimos do entendimento de que o contato do aluno com gêneros e práticas sociais e linguísticas de diferentes espaço-temporais pode ampliar a competência comunicativa, por meio de atividades de leitura, escrita, oralidade e reflexão linguísticas contemplando gêneros manuscritos, impressos, digitais e orais.

A constatação de que, no curso da história, “no quadro de cada comunidade verbal, foram elaborados diferentes ‘modos de fazer’ textos, ou diferentes espécies de texto” (BRONCKART, 1999, p. 72), oportuniza ao professor um olhar integrado entre tradição e inovação, passado e presente, quando leva para a sala de aula reflexões pautadas, por exemplo, nas dimensões de análise dos estratos do folhado textual, a saber:

i) infraestrutura geral (plano geral do texto, composição, articulação e sequência dos tipos discursivos);

ii) mecanismos de textualização (organizadores textuais, desenvolvimento do conteúdo temático, articulação de termos e ideias);

iii) mecanismos enunciativos (responsáveis pelo gerenciamento das vozes e pelas modalizações).

Acreditamos, portanto, que mediar os processos de ensino e aprendizagem da língua/linguagem através de uma abordagem sócio-histórica possa contribuir para que os estudantes desenvolvam competências comunicativas por meio da leitura e da reflexão da língua/linguagem em diferentes contextos espaço-temporais. A análise da transformação histórica de gêneros orais, escritos e digitais evidencia as variações e as regularidades, no âmbito da língua e dos gêneros, ao longo do tempo, que merecem uma observação e uma reflexão com os alunos.

3. Identificando tradições discursivas no gênero editorial jornalístico

O editorial, gênero do campo de atuação midiático, do ponto de vista de sua macroestrutura, é um texto argumentativo, cuja organização textual, captada na superfície discursiva, revela a intenção do editorialista em convencer seu interlocutor por meio da opinião/manipulação que manifesta. Vale ressaltar que, embora o tipo discursivo exigido seja o argumentativo, outros tipos também podem fazer parte de sua constituição. Ainda que esteja relacionada à manifestação verbal, todos sabemos que há outras formas de conotar opinião/manipulação, como, por exemplo, a posição que determinada matéria ocupa na página, o tamanho de uma foto ou o seu conteúdo, os recursos gráficos (fonte e tamanho da letra) usados no título, aspectos que também serão considerados em uma análise como parte do todo enunciativo.

Para sermos mais específicas, tomamos como editorial de jornal o texto que, veiculado em locus próprio, possui periodicidade sistemática e destina-se à manifestação de opinião ligada a interesses dos segmentos empresariais/institucionais por ele representados. Publicado, pelo menos desde um passado recente, sem assinatura, volta-se para assuntos, locais, nacionais ou internacionais, que estejam na pauta das discussões políticas, econômicas ou sociais.

Desde o início do periodismo, o editorial recebeu várias designações. Já foi nomeado introdução, prospecto, artigo de fundo, carta do redator, carta de apresentação, entre outras

nomenclaturas, como também já recebeu título e assinatura. A localização no jornal também registra marcas de inovação que podem ser constatadas ao longo dos séculos: na fase inicial, quando as folhas circulavam em função dos atos do governo, ocupava as páginas internas; depois, quando passou a servir de espaço para contendas político-partidárias, foi alçado às primeiras páginas; por fim, já no último quartel do século XX, foi incluído, em seção própria, nas páginas internas (GOMES; ZAVAM, 2018).

Na trajetória evolucionária do editorial, vemos refletidas as fases por que passou a história da imprensa no Brasil. Segundo Rüdiger (1993) e Sodré (1999), são três:

1ª) Fase político-panfletária (início da imprensa; contexto de elevadíssimo analfabetismo da população), caracterizada por:

- i) função essencialmente opinativa;
- ii) discurso pomposo e veemente;
- iii) polêmicas pessoais e violência verbal;
- iv) linguagem marcada por vocativos, imperativos, repetições, interjeições, subjetivismo, adjetivação e pontuação enfáticas.

2ª) Fase literário-independente (segunda metade do século XIX; contexto de organização intelectual e aumento do nível de alfabetização), reconhecida por:

- i) temáticas culturais e científicas;
- ii) conjunção entre os homens das letras e a imprensa;
- iii) propagação de acontecimentos sociais;
- iv) linguagem composta de detalhes, figuras e poeticidade.

3ª) Fase telegráfico-informativa (final do século XIX; contexto de modernização tecnológica – jornalismo impresso), marcada por:

- i) superação da opinião pela informação objetiva;
- ii) passagem de uma imprensa romântica para uma imprensa mercadológica;
- iii) substituição do estilo detalhista literário pelo estilo simplista telegrafês;
- iv) linguagem direta, com mais afirmações que demonstrações e com repetições reguladas.

Para além dessas fases, defendemos, com base em Paveau (2021), estar numa outra fase, que seria a:

4ª) Fase da comunicação digital (início do século XXI; contexto das digitalidades – tecnodiscurso), pontuada por:

- i) composição (a possibilidade de integração de diversas semioses);
- ii) deslinearização (possibilidades clicáveis que direcionam o leitor para outros textos, em outras páginas);
- iii) ampliação (os enunciados são, em alguns casos, atualizados por meio de comentários);
- iv) relacionalidade (menções com @ e hashtags que ligam textos entre si);
- v) investigabilidade (os discursos são rastreáveis, por exemplo, por meio de sites de busca);
- vi) imprevisibilidade (a produção e/ou formatação por programas e algoritmos torna os discursos não previstos).

Em cada uma dessas fases, podemos encontrar vários exemplares que atestam esse percurso sócio-histórico do editorial. O que pretendemos ressaltar com esse posicionamento é que não se produz um texto fora de suas condições sociais e culturais, nem de seu tempo histórico. Nomenclaturas e fases deixam inscritas na materialidade do texto modos de dizer, formas textuais ou maneiras particulares de escrever ou de falar que se repetem, isto é, as tradições discursivas de que falamos anteriormente. As tradições discursivas, ao mesmo tempo que flagram a permanência desses modos de dizer, também sinalizam rupturas dessa continuidade e servem para apontar mudanças. A título de ilustração dessa constante tensão entre permanência e inovação, trazemos quatro editoriais, dois de 1976 e dois de 2021, de dois grandes jornais: *Folha de São Paulo* (Brasil) e *El País* (Espanha). Os dois jornais foram escolhidos por serem os maiores de circulação em seus respectivos países, e a escolha de *El País* recaiu sobre o fato de esse periódico ter versão também em língua portuguesa, ainda que tenhamos tomado a versão em língua espanhola, justamente para podermos observar se os fenômenos observados em uma língua seriam também identificados na outra. Já o ano de 1976 foi escolhido por ser o ano em que começou a circular o jornal de língua espanhola; o jornal de língua portuguesa já circula há mais tempo, desde 1921. Vamos, então, aos editoriais.

3. 1 Em língua portuguesa

Vamos voltar ao início da história, olhando para a mídia da qual o editorial faz parte e recuperando assim duas edições mais antigas *da Folha de São Paulo*.

Figura 1: *Folha São Paulo* (1921 – 1ª edição/1ª folha). Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=44417&anchor=5749559&origem=busca&originURL=>. Acesso em: 02 jul. 2021

Figura 2: *Folha de São Paulo* (1976 – edição 17.219/1ª folha). Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=5840&anchor=4239295&origem=busca&originURL=>. Acesso em: 02 jul. 2021

O jornal *Folha de São Paulo*, atualmente o jornal de maior circulação no Brasil¹, começou sua trajetória em 1921, em oposição ao principal jornal de então, *O Estado de São Paulo*, fiel representante das elites rurais, sempre tão conservadoras. Surgiu como *Folha da Noite*, que inaugurava uma proposta de trazer textos mais curtos e mais claros, enfoque mais noticioso e menos opinativo, diferentemente dos projetos jornalísticos da época. Quatro anos depois, em 1925, estabelecido o empreendimento bem-sucedido do periódico vespertino, é lançada então uma versão matutina, *Folha da Manhã*. Tanto um quanto outro dirigiam suas críticas contundentes aos problemas políticos e econômicos que o País enfrentava. Era uma época em que a inquietação militar, a polarização ideológica e o debate sucessório movimentavam as contendas e consequentemente o noticiário. Há poucos anos saído de uma greve operária que paralisou São Paulo em 1917, o País fomentava aos poucos

¹ Além do jornal, o Grupo Folha também controla o site noticioso de jornal com mais audiência no País (www.folha.com.br), de onde extraímos as fotos e algumas informações sobre a história do periódico.

o processo de industrialização, o mesmo que responderia pelas mudanças gráficas e conteudísticas que iam sendo implementadas nos jornais.

Examinando a capa da primeira edição (Figura 1), já nos damos conta do quanto nos afastamos daquele arranjo gráfico. Afinal são passados 100 anos, um século. Naquele período, os recursos tecnológicos eram limitados, e as propagandas (*annuncios*) vinham publicadas nas páginas finais do jornal.

A imprensa periódica sempre exerceu um papel importante no desenvolvimento do hábito de leitura, tanto pela divulgação de obras literárias, notadamente em sincronias passadas com a publicação de folhetins², quanto por ter-se tornado espaço privilegiado para discussões sobre vida política, social e cultural de um país, possibilitado pela diversificação dos consumidores letrados. Muitos jornais e revistas colocavam em pauta nas suas colunas, além de outros assuntos de que tratavam, a construção de uma nação soberana. Tais publicações afirmavam-se como palco de reflexões sobre o Brasil, contando com a participação de um número significativo de colaboradores e correspondentes.

Em relação à Figura 2, que reproduz a primeira folha da edição de 1976, observamos o salto em 55 anos: uma diagramação mais leve, distanciada da distribuição em 6 colunas (cf. Figura 1), com textos mais curtos contornados por fotografias que ilustram o conteúdo da notícia veiculada. Embora a fotografia tenha surgido no final da década de 1830, a sua incorporação pela imprensa tardou, por razões tecnológicas, pelo menos 30 anos. O jornal, já em 1971, abandonara a composição gráfica a chumbo e passara a adotar, de forma pioneira, o sistema eletrônico de composição de fotografias. O leitor passou, então, já desde os idos de 1860, não só a visualizar os fenômenos que ocorriam a sua volta, mas principalmente a se aproximar mais deles, ainda que não da forma tão técnica quanto a dos nossos dias. E como todo aparato da imprensa, a fotografia passa a servir também como forma de manipulação. Essa edição já reflete as reformas gráficas que começaram naquele ano e se sucederam em anos seguintes.

² Obras literárias que se apresentavam, nos jornais, por capítulos, cumpriam a necessidade jornalística de cativar e prender o leitor, com o conhecido mote “continua no próximo número” (cf. Meyer, 2005).

Figura 3: Folha de São Paulo (2021 – edição 33.693/1ª folha). Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/07/vendedor-de-vacinas-reafirma-a-cpi-pedido-de-propina-divulga-audio-de-deputado-e-vira-alvo-de-embate-entre-senadores.shtml..>

Acesso em: 02 jul. 2021

O jornal de 2021 traz uma diagramação mais leve ainda e já com fotografias coloridas, fruto do avanço tecnológico, iniciado em 1967, quando a *Folha*, mais uma vez pioneira, adotou a impressão em cores. A nova diagramação, construída aos longos dos anos, evidentemente afeta as relações do jornal com os anunciantes, com a política e com os leitores.

No que se refere especificamente ao editorial, embora a localização tenha sofrido variação, a diagramação não estava sujeita a novos arranjos gráficos. Esse gênero textual atravessou dois séculos mantendo praticamente as mesmas características: um ou mais textos, dependendo do jornal e da edição, publicado(s) ora na primeira página ora nas primeiras páginas internas do jornal, tomando uma ou mais colunas, conforme sua extensão, que variava de acordo com o conteúdo e o propósito do autor, submetido às condições históricas de seu tempo (ZAVAM, 2017).

Esta estabilidade não impediu, entretanto, que, em relação a outros aspectos, o editorial fosse incorporando algumas modificações, conforme destacamos a seguir.

Figura 4: Editoriais do jornal *Folha São Paulo* (versão digital – 01/07/2021). Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/editoriais/>. Acesso em: 02 jul. 2021

Figura 5: 2º editorial do jornal *Folha São Paulo* (versão digital – 01/07/2021). Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2021/07/paradoxo-centenario> Acesso em: 02 jul. 2021

Selecionamos o 2º editorial, *Paradoxo Centenário*, para fazer nossas primeiras considerações. Chamamos atenção inicialmente para o título, elemento antes facultativo, que se tornou imprescindível a partir da última década do século XIX. Quase sempre destacado do texto por recurso tipográfico (em negrito, com fonte maior que a do texto), aparecia centralizado, cumprindo a função de sinalizar para o conteúdo (tópico discursivo), além de despertar o interesse e induzir à leitura, características que perduram até hoje.

Antes de continuarmos com a análise desse exemplar, passemos ao jornal de língua espanhola, pois veremos que os comentários são pertinentes tanto para editoriais de um

quanto de outro idioma. Essa recorrência evidencia que os traços tradicionais do editorial não são próprios de uma língua particular.

3.2 Em língua espanhola

Vamos recuperar um pouco da trajetória evolucionária do jornal *El País*, de onde extraímos os editoriais em análise.

Figura 6: *El País* (1976 – 1ª edição/1ª folha)
Disponível em:
<https://elpais.com/hemeroteca/elpais/portadas/1976/>.
Acesso em: 02 jul. 2021.

Figura 7: *El País* (2021 – 1ª edição/1ª folha)
Disponível em:
<https://elpais.com/hemeroteca/elpais/portadas/2021/>.
Acesso em: 02 jul. 2021

O periódico *El País* é também o jornal de maior circulação em seu país. Iniciou suas atividades em 1976, quando a Espanha saía do período ditatorial e caminhava para a democracia. O jornal é sediado em Madri, mas conta também com filiais em outras cidades da Espanha, como Barcelona, Valencia, entre outras, e ainda na cidade do México e em São Paulo. Em 1996 inaugurou sua edição digital na Espanha, no entanto, a partir de 2020, todas as outras publicações migraram também para a Web. Assim, nesse mesmo ano, deixou de circular na América a versão impressa, entretanto uma versão em pdf desde então esteve disponível aos leitores, no aplicativo do jornal, mesmo para não assinantes, diferentemente da *Folha de São Paulo*, cujo acesso somente é permitido a assinantes.

El País, desde sua primeira edição, se posicionou como um periódico independente e defensor da democracia, num contexto em que a maioria dos periódicos espanhóis desenvolvia suas atividades sob o regime franquista. Na verdade, foi o primeiro jornal a assumir posicionamento democrático e constitucional. Quarenta e cinco anos depois, continua sendo a mídia espanhola de maior expressividade dentro e fora da Espanha, ainda que seus posicionamentos possam estar a serviço de uma nova ordem econômica e política.

Contrastando as duas capas (Figuras 6 e 7), a primeira da versão impressa e a segunda da versão digital, podemos perceber mudança na distribuição dos textos na página: na edição de 1976, há pelo menos dois textos que rivalizam a atenção do leitor em termos de destaques tipográficos e para esses textos não há fotografia compondo o todo discursivo; já na edição de 2021, a fotografia é o centro das atenções e em torno dela são dispostas informações – não só as do título mas também outras ganham status de lide – que entram na tessitura argumentativa. Merece destaque ainda nessa última edição uma outra semiose, a impressão na cor azul, emoldurando a notícia central. Paralelamente a essas inovações, constatamos a permanência da prática de na primeira página os textos serem partes do que será continuado em páginas internas, devidamente indicadas com destaque gráfico (letras capitulares), ou seja, a tradição de a primeira página apresentar uma prévia do que será abordado em mais detalhes no interior do jornal permaneceu ao longo dos anos.

Figura 8: 'Ley Trans': nuevos derechos. 1º editorial do jornal *El País* (versão digital – 01/07/2021). Disponível em: <https://elpais.com/opinion/2021-07-01/ley-trans-nuevos-derechos.html>. Acesso em: 02 jul. 2021

Figura 9: Partido Comunista Chino: éxito e represión. 2º editorial do jornal *El País* (versão digital – 01/07/2021). Disponível em: <https://elpais.com/opinion/2021-07-01/partido-comunista-chino-exito-y-represion.html>. Acesso em: 02 jul. 2021

No dia 01/07/2021, na edição da tarde, *El País* publicou dois editoriais, como de costume: o primeiro, para posicionar-se sobre o anteprojeto da lei que garante direitos individuais as pessoas trans bem como a toda população LGBTI; o segundo, para manifestar-se sobre a celebração, na China, do centenário de um dos partidos comunistas mais longevos da história.

Como dissemos anteriormente, o editorial é um gênero jornalístico cujo conteúdo está na ordem do dia, isto é, de alguma forma está na pauta das discussões, quer sejam políticas, econômicas ou sociais, sejam elas locais, nacionais ou internacionais. É o que flagramos, sobretudo, com o segundo editorial do dia 01/07/2021: tanto *Folha de São Paulo* quanto *El País* tomam como assunto, para a assunção de seus posicionamentos, as festividades de um povo que comemora o centenário de um partido comunista. É, pois, sobre essa “coincidência” de que passamos a falar.

EDITORIAL

Partido Comunista Chino: éxito y represión

La organización cumple 100 años -72 en el poder- con grandes logros y enormes zonas de sombra

China celebra hoy el centenario oficial de su Partido

Comunista (PCCh), uno de los más longevos de la historia y el que más tiempo ha conseguido permanecer en el poder de manera ininterrumpida —72 años—, superando al PCUS soviético. Con el partido firmemente al mando desde 1949, China ha saltado de ser un país dividido y dominado por la miseria a convertirse en una potencia económica que promete ser superpotencia en las próximas décadas. Un país que rivaliza con EE UU —o supera, en campos como el comercio electrónico—. Que es el primero en aterrizar en la cara oculta de la Luna. Que construye en solitario una estación espacial y que quiere llevar una misión tripulada a Marte. Que puede enorgullecerse, con razón, de haber erradicado la malaria, como se ha anunciado esta semana; de haber eliminado la pobreza rural, según sus cuentas; de que cualquier ciudadano pueda esperar que la vida de sus hijos vaya a ser mejor que la suya.

China celebra hoy un sistema, del que sus líderes aseguran que es el único posible para gobernar con éxito una nación tan vasta y tan compleja. Durante décadas, su éxito se debió a su capacidad de adaptación. Está por ver si logrará mantener su eficacia. Mientras, los demócratas del mundo hacen bien en tomar nota de sus éxitos, sus objetivos estratégicos, pero especialmente de sus abusos.

MÁS INFORMACIÓN

El Partido Comunista de China cumple 100 años reescribiendo la historia

Figura 9: 2º editorial do jornal *El País* (versão digital – 01/07/2021). Disponível em: <https://elpais.com/opinion/2021-07-01/partido-comunista-chino-exito-y-represion.html>. Acesso em: 02 jul. 2021

EDITORIAL

O QUE A FOLHA PENSA

Paradoxo centenário

É de questionar se o Partido Comunista Chinês acomodará repressão e prosperidade

O Partido Comunista Chinês chegou a seu primeiro centenário nesta quinta-feira (1º) vivendo um [paradoxal zênite de seu poder](#).

A exemplo dos socialistas bolcheviques soviéticos que inspiraram sua fundação, a sigla deixou as franjas de um país empobrecido e fragmentado e tornou sinônimos Estado e partido.

Se a debacle da União Soviética ao longo dos anos 1980 assombra a elite política chinesa, é inescapável notar as diferenças entre os dois colossos autoritários.

Apesar de a China atual ter nascido da guerra em 1949 e de ter uma conta razoável de conflitos desde então, não foi a “manu militari” que definiu seu lugar no mundo.

A via de sua ascensão ao posto de segunda maior economia foi aberta pela potência dominante que desafia, os Estados Unidos. A aproximação entre os dois países, cada qual com seu interesse, permitiu a inserção global da formidável capacidade produtiva e do mercado consumidor chinês.

Foi criado um híbrido na forma de governo socialista promovendo capitalismo selvagem de Estado.

Figura 10: 2º editorial do jornal *Folha São Paulo* (versão digital – 01/07/2021). Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opinia0/2021/07/paradoxo-centenario>. Acesso em: 02 jul. 2021

Numa análise contrastiva dos editoriais, ambos em versão para Web, podemos apontar, tanto em uma língua quanto em outra, algumas tradições discursivas que se mantiveram e outras que se modificaram e ainda outras que foram incorporadas como fruto do ambiente digital. Dentre as permanências, podemos citar:

- i) título (tanto em um editorial quanto em outro, funciona como estratégia a serviço das intenções do autor, por meio da qual orienta a interpretação do leitor);
- ii) plano geral do texto (o mesmo tipo discursivo, argumentativo, continua sendo predominante, voltado para a persuasão, para o convencimento do leitor sobre o ponto de vista defendido pelo jornal);

iii) representação da voz do jornal (texto sem autoria declarada/sem assinatura e sem elementos biografizantes, constitui prática consolidada a partir do primeiro quartel do século XX³);

iv) estratégias de articulação tópica, gerenciamento de vozes e modalizações (mecanismos enunciativos atravessados por intenções dos produtores dos textos, datados e situados historicamente, e pelo propósito do gênero);

v) uso da variedade culta (a esfera a que pertence e o papel que desempenha o editorialista condicionam o emprego de formas e estruturas linguísticas da modalidade de prestígio social).

Já em relação às inovações, podemos destacar:

i) lide (elemento constituinte de outro gênero, a notícia, passa a compor a organização retórica do editorial);

ii) remissão a links/hashtags que levam a outros textos (deslinearização e relacionalidade próprias do ambiente digital);

iii) mais de um editorial por edição (uma prática em jornal de sincronias passadas que volta a ser praticada em função da reelaboração constante que o jornal no ambiente digital exige; *El País* produz 3 edições por dia, com distintos editoriais para cada edição);

iv) incorporação de múltiplas semioses (novos arranjos tipográficos)

Esta breve análise nos permitiu apresentar objetivamente não só as transformações pelas quais o editorial passou no curso de sua história, como também os traços que se mantiveram ao longo do curto lapso temporal focalizado. Acreditamos, portanto, ter alcançado um dos objetivos; o próximo, como levar a história do gênero para a sala de aula, é, pois, o assunto da próxima seção.

4. Trabalhando com a historicidade e o folhado textual em sala de aula

Falar em ensino na educação básica no Brasil nos remete a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento de alcance nacional que dispõe sobre conhecimentos, competências (gerais e específicas) e habilidades essenciais a serem trabalhados nas escolas, tanto públicas quanto particulares, urbanas e rurais, da Educação Infantil ao Ensino Médio,

³ Cf. Zavam (2017)

com o objetivo de assegurar o direito à aprendizagem e ao pleno desenvolvimento de nossos alunos.

Para a BNCC, competência diz respeito à “mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho” (2018, on-line). Nesse sentido, é exatamente por meio de tais competências que os alunos desenvolvem habilidades e aprendizagens fundamentais a sua formação.

São estabelecidas 10 (dez) competências gerais da Educação Básica na BNCC. Chamamos atenção para a 1ª por estar mais diretamente relacionada com o que vamos sugerir para um trabalho em sala de aula: “Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva” (BNCC, 2018, on-line). Assim, levar para a sala de aula “conhecimentos historicamente construídos” é também olhar para textos de sincronias passadas de modo a perceber como os textos, gêneros, vão se constituindo. Ou, com base em Bakhtin (2005⁴, p. 106), reconhecer que “o gênero sempre é e não é o mesmo, sempre é novo e velho ao mesmo tempo. [...] O gênero vive do presente mas sempre *recorda* o seu passado, o seu começo.” (grifo original). Recordar o passado significa, para nós, possibilitar encontrar em estágios de realização do gênero indícios de seu processo de constituição, traços de permanência e também de transformação.

Como anunciamos anteriormente, interessa-nos, com este artigo, três pontos principais: i) demonstrar como a historicidade dos textos/gêneros está inscrita na materialidade dos textos/gêneros por meio dos quais interagimos nos nossos dias; ii) apontar interesses que a análise de tradições discursivas em diferentes línguas poderia emprestar a estudos sobre gêneros; iii) levantar possibilidades da didatização da historicidade dos gêneros para o ensino e a formação de professores.

Acreditando que os dois primeiros pontos foram atendidos nas seções anteriores, ainda que superficialmente, por limitações de espaço, voltamo-nos, então, fundamentadas na BNCC, para sugestões que poderiam ser transformadas em atividades a serem

⁴ A edição original data de 1929.

desenvolvidas em sala de aula. Assim, os professores, já sensibilizados pela relevância de abordar a historicidade dos textos no estudo dos gêneros, poderiam propor, por exemplo, atividades que os alunos reconheçam:

- i) semelhanças e diferenças entre editoriais (de sincronias presentes e remotas);
- ii) regularidades do ponto de vista do plano geral do texto (composição, articulação e sequência dos tipos discursivos);
- iii) contextos históricos e adequações da língua, tomada como um sistema inerentemente variável;
- iv) localização dos gêneros na mídia, no caso o jornal;
- v) diferentes semioses a serviço de um projeto de dizer;
- vi) mecanismos de textualização (organizadores textuais, desenvolvimento do conteúdo temático, articulação de termos e ideias);
- vii) mecanismos enunciativos (gerenciamento de vozes, modalizações);
- viii) diálogos com outros textos (intertextualidade e interdiscursividade);
- ix) aspectos discursivos (função/papel social dos interlocutores, estratégias de subjetividade e proximidade/distanciamento do leitor);
- x) posicionamentos (mito da “neutralidade”).

Essas são, a título de ilustração, algumas sugestões para atividades que poderiam ser realizadas, ou reelaboradas, em sala de aula. Muitas outras poderiam ser propostas a partir da percepção do professor. O importante é que o professor reconheça que o trabalho com a historicidade dos textos e o folhado textual pode ajudar o aluno a se tornar um usuário mais produtivo e consciente das potencialidades da língua, que assume uma atitude responsiva diante dos textos percebendo-se como sujeito discursivo, como mais um elo na contínua cadeia enunciativa.

5. Costurando conclusões

Como vimos, boa parte das tradições discursivas apontadas são supraidiomáticas, com formações genéricas interlinguísticas embutidas em desenvolvimentos históricos que não correspondem a uma única língua; cada língua se atualiza de acordo com suas características tipológicas, muitas vezes por meio de práticas socioculturais únicas criadas por pessoas que as vivenciam (GALLEGO SHIBYA, 2020).

Reconhecer nas formações genéricas o processo de reelaboração em decorrência das transformações pelas quais passam o texto e as formas de interação e de compartilhamento de textos/conteúdos/informações, percebendo os gêneros como “correias de transmissão que levam da história da sociedade à história da língua” (BAKHTIN, 2000⁵, p.285), é um grande ganho para o professor, pois lhe possibilita assentir que nenhum sujeito produz um texto sem nele deixar as marcas do seu tempo e que uma característica, que hoje se apresenta tão marcada em um gênero, é resultado de uma construção histórica.

Nesse sentido, levar para a sala de aula textos de épocas remotas propicia:

- i) conhecer e valorizar o patrimônio histórico-cultural, por meio dos documentos históricos;
- ii) integrar áreas afins de conhecimento;
- iii) refletir, acompanhar, pesquisar e conhecer as condições de uso da língua e as práticas comunicativas, culturais, econômicas, tecnológicas e políticas de um dado momento histórico,
- iv) contribuir com o uso consciente da língua(gem);
- v) estabelecer o diálogo entre o passado e o presente.

Iniciativas como essa vão requerer do professor e dos alunos disposição para experimentar, ousar, questionar, descobrir, desafiar, ingredientes fundamentais para o processo de ensino e aprendizagem em todas as áreas do conhecimento e em todas as línguas.

Esperamos, na verdade, que os resultados da análise apresentados e a sugestão para o ensino delineada possam suscitar reflexões, fazer surgir novas ideias, e assim poder expandir o que aqui se apresentou, pois esse é o escopo maior da ciência: alimentar e instigar o desenvolvimento do conhecimento.

Referências

- ANDRADE, Maria Lúcia C.V.O.; GOMES, Valéria S. Tradições discursivas: reflexões conceituais. In: Andrade, M. L. C. V. O.; Gomes, V. S.; Castilho, Ataliba T. de (Org.). *Tradições discursivas do Português Brasileiro: constituição e mudança dos gêneros discursivos*. História do Português Brasileiro, vol. 7, São Paulo: Contexto, 2018. p.23-43.
- ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

⁵ O ano de publicação da edição original em russo (*Estetika slovesnogo tvortchestva*) é 1979.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução Paulo Bezerra. 3. ed. Rio de Janeiro; Forense Universitária, 2005.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular* (BNCC). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 11 set. 2021.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos*. Por um interacionismo sociodiscursivo. Tradução Anna Rachel Machado, Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 1999.

COSERIU, Eugenio. Fundamentos y tareas de la Lingüística Integral. In: *Plenario Inaugural del II Segundo Congreso Nacional de Lingüística. Facultad de Filosofía, Humanidades e Artes, da Universidad Nacional de San Juan, Argentina*. 16-19 de setembro de 1981.

COSERIU, Eugenio. *Lingüística del texto: Introducción a la hermenêutica del sentido*. Edición de Óscar Loureda Lamas. Madri: Arco Libros, 2007.

GALLEGO SHIBYA, Alfonso. La compleja relación entre tradiciones discursivas y estilo. *Revista da ABRALIN*, v. 19.3, 568-581, 2020.

GOMES, Valéria S.; ZAVAM, Aurea. O editorial de jornal: revisitando a trajetória de um gênero. In: Andrade, M. L. C. V. O.; Gomes, V. S.; Castilho, Ataliba T. de (Org.). *Tradições discursivas do Português Brasileiro: constituição e mudança dos gêneros discursivos*. História do Português Brasileiro, vol. 7, São Paulo: Contexto, 2018. p. 44-81.

KABATEK, Johannes. Tradição discursiva e mudança lingüística. In: LOBO, Tânia et. al. *Para a história do português brasileiro: novos dados, novas análises*. v. 6. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2006, p. 505-530.

KABATEK, Johannes. *Tradición e innovación: La lingüística moderna desde Saussure hasta el siglo XXI*. ANADISS, 20, 15-32, 2015.

KOCH, Peter. Diskurstraditionen: zu ihrem sprachtheoretischen Status und ihrer Dynamik. In: FRANK, Barbara; HAYE, Thomas; TOPHINKE, Doris (Eds.). *Gattungen mittelalterlicher Schriftlichkeit*. Tradução de Alessandra Castilho Ferreira da Costa. Tübingen: Narr 1997 (ScriptOralia, 99), 01-18.

KABATEK, Johannes. Como Investigar las Tradiciones Discursivas Medievales? El ejemplo de los textos jurídicos castellanos. In: Jacob, Daniel e Kabatek, Johannes (Ed.) *Lengua Medieval y Tradiciones Discursivas en la Península Ibérica: descripción gramatical - pragmática histórica – metodología*. Vervuert: Iberoamericana, 2001, p. 97-132.

KABATEK, Johannes. Die Bolognesische Renaissance und der Ausbau romanischer Sprachen. Juristische Diskurstraditionen und Sprachentwicklung in Südfrankreich und Spanien im 12. und 13. Jahrhundert. [Sobre a historicidade de textos. Capítulo trad.: José da Silva SIMÕES, *Linha d'água* (São Paulo) 17, p.159–170, 2005]. Tübingen: Niemeyer, 2005.

KOCH, Peter. Diskurstraditionen: zu ihrem sprachtheoretischen Status und ihrer Dynamik. In: FRANK, Barbara; HAYE, Thomas; TOPHINKE, Doris (Ed.). *Gattungen mittelalterlicher Schriftlichkeit*. Series ScriptOralia, 99, Tübingen: Narr, p. 43-79, 1997.

KRÜDIGER, Francisco Ricardo. *Tendências do jornalismo*. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 1983.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

PAVEAU, Marie-Anne. *Análise do discurso digital*: dicionário das formas e das práticas. Organizadores: Júlia Lourenço Costa e Roberto Leiser Baronas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In: ROJO, Roxane H. R.; CORDEIRO, Gláís S. *Gêneros orais e escritos na escola*. São Paulo: EDUC; Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 71-91.

SÉNÉCHAL, Katheen; DOLZ, Joaquim. Validité didactique et enseignement de l'oral. In: SÉNÉCHAL, K.; DUMAIS, C.; BERGERON, R. *Didactique de l'oral*: de la recherche à la classe, de la classe à la recherche. Côte Saint-Luc: Peisaj, 2019. p. 19-41.

ZAVAM, Aurea. *Por uma abordagem diacrônica dos gêneros textuais*: um estudo com editoriais de jornal. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2017.

ⁱ Doutora em Linguística, professora do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Ceará. E-mail: aurea@ufc.br

ⁱⁱ Doutora em Linguística, professora do Departamento de Letras e Ciências Humanas, da Universidade Federal Rural de Pernambuco. E-mail: valeria.sgomes@ufrpe.br

Recebido em 01/10/2021

Avaliado em 31/10/2021